

BRASIL GERSON

PEQUENA HISTÓRIA  
DOS FANÁTICOS  
DO CONTESTADO

---



OS CADERNOS DE CULTURA

981.64  
G 382 P  
LX 12

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

---

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

BRASIL GERSON

PEQUENA HISTÓRIA  
DOS FANÁTICOS  
DO CONTESTADO

---



OS CADERNOS DE CULTURA

981.64  
G 382  
2412

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

---

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

Não faz muito, o historiador e médico AUJOR ÁVILA DA Luz publicou em Florianópolis um livro, intitulado "Os Fanáticos", sobre o movimento dos Fanáticos do Contestado, que de 1912 a 1916 empolgou a região serrana de Santa Catarina, exatamente no mais acedo da velha questão de limites entre êsse Estado e o do Paraná. A rigor, não é êle de história, apenas, e sim também uma "contribuição para o estudo de antropossociologia criminal" daquelas populações então dominadas por sentimentos tão primários — e contribuição, portanto, valiosa, mesmo porque nada possuíamos, nesse terreno, sobre o episódio, que só havia dado motivo a três outros livros, dois de militares ("A Campanha do Contestado"), de HERCULANO ASSUNÇÃO, e "Campanha do Contestado", de Crivelaro Marcial, pseudônimo do General DERMEVAL PEIXOTO) e um de um civil ("O Contestado diante das Carabinas", de CLETO DA SILVA), embora dêle também tivessem tratado. Marechal Seifembrino de Carvalho nas suas "Memórias", o Governador Felipe Schmidt na sua "Mensagem" ao Legislativo catarinense em 1916, Frei PEDRO SINZING no seu livro sobre Frei Rogério Neuhaus e, entre outros, OSVALDO CABRAL na sua "História de Santa Catarina".

MINISTÉRIO DE IMPRENSA E COMUNICAÇÃO SOCIAL	
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NÚMERO	DATA
316	27/4/57

316

Menos falado que o de Canudos, não foi, no entanto, o fanatismo do Contestado de menor significação que o do interior da Bahia nos primeiros anos da República, tanto pela sua longa duração como pela quantidade de gente que nêle se envolveu, numa área de quase 20.000 quilómetros quadrados.

Se algo lhe faltou, para ficar melhor gravado na História e na lembrança do povo, sem dúvida foi o que em cinema se chamaria uma "continuidade perfeita", caracterizada pelo desenrolar dos acontecimentos num ritmo sempre crescente, numa direção única, até o seu desfecho dramático e emocionante, no caso de Canudos a vitória do governo só depois de mortos os últimos jagunços ainda capazes de lutar, com o Conselheiro no meio deles — tudo magnificamente imortalizado nas páginas notáveis de EUCLIDES DA CUNHA.

No Contestado, ao invés disso tivemos uma sucessão de movimentos, às vezes com intervalo demorado entre um e outro, e o último deles, na sua fase derradeira e principal, longe de concentrar-se, espalhou-se, para melhor subsistir, o que também concorreu, por sua vez, para que não terminasse à maneira de uma trágica epopéia...

\* \* \*

Nos próprios antecedentes familiares de António Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, poderiam ser encontrados os motivos da sua transformação no "anacoreta sombrio" descrito por EUCLIDES. O fanatismo

do Contestado, pelo contrário, teve seu ponto de partida num falso monge, "São" João Maria, já falecido quando em torno do seu nome os primeiros sertanejos se reuniram para venerá-lo. Com efeito, antes de aparecer em Santa Catarina, em 1895, havia percorrido o Estado do Rio Grande, mostrando-se simpatizante da revolução federalista contra Floriano em 1893. Dos pampas dirigiu-se para o Paraná, onde fêz vida de eremita nos arredores da cidade da Lapa, numa gruta da serra de Santa Emília, meditando e purificando-se. Quando desceu para misturar-se com o povo nos campos e nos caminhos, sua fama já estava feita, e os sertanejos, contritos, oravam diante das cruces que deixava à sua passagem, para livrá-los da peste, da fome e da guerra... Era velho, de barba e cabelos brancos e longos, de olhos azuis e tristes, mas estranhos. As calças, estreitas e curtas, mostravam os cordões da ceroula. O paletó, de riscado de algodão, mal passava da cintura, tão mirrado que era, e em vez de chapéu usava um gorro de pele, mas tudo limpo, lavado por êle mesmo na água dos rios. Calçava alpercatas de couro, de sua própria fabricação, levando ao pescoço um colar de "lágrimas de Nossa Senhora" e carregando ainda os pertences do chimarrão, uma guampa com água para beber, uma lata para comida e uma caixinha que continha, como num minúsculo altar, uma imagem de N. S. da Abadia... E apoiado no seu bordão ia e vinha, pelo Contestado inteiro, não aceitando esmolas, pregando sua doutrina, dando seus conselhos, sem consentir jamais que em torno dêle, nos seus "poucos", os crentes se aglomerassem, a não ser para as suas rezas à noite, à luz das fogueiras, num sotaque algo es-

panholizado e com tonalidades que às vezes lembravam o italiano. . .

Depois desapareceu, dizendo-se que havia morrido quase aos 70 anos, em 1900, nos ermos de Mato Grosso.

Tão viva ficou, no entanto, sua memória no coração da gente simples do interior de Santa Catarina e da fronteira do Rio Grande do Sul que em 1910 uma menina de 12 começou a vê-lo quando rezava, na região de Cerrito, nos campos de Lajes, e atraídos pela notícia centenas de homens e mulheres logo se reuniram, às centenas, na confluência dos rios Canoas e Pelotas, bem perto, onde fixou seu pouso um sujeito estranho que se apresentou como o novo "monge", discípulo e continuador d'ê. E dissolvido o acampamento pelas polícias catarinense e gaúcha, outro semelhante — e êste dedicado à vida mais longa — ressurgiu em 1912 no município de Campos Novos, às ordens de um desertor da Força Pública do Paraná, Miguel Lucena Boaventura, e que daí em diante seria para os seus fiéis o "monge" José Maria, irmão de "São" João Maria. . .

Mas em José Maria, baixo, corpulento, de meia idade, o misticismo possuía também vivos acentos marciais, decerto porque êle tinha sido soldado, e mais que isso um constante leitor da "História de Carlos Magno ou os Doze Pares de França" — espécie de "história de quadrinhos" de outrora de tôda a caipirada brasileira, de imaginação tão impregnada dessas fabulosas aventuras medievais de cavalaria e cavaleiros, que ainda em 1839, em Laguna, quando pela primeira vez alguém falou a Anita de um "belo moço Garibaldi", chegado à cidade com os farroupilhas, logo o foi descre-

vendo, realmente, também como "um príncipe louro, de longas melenas até o ombro, um verdadeiro par de França".

Seu acampamento era um quartel e era um hospital — recorda-nos AUJOR ÁVILA DA Luz. No minúsculo povoado perdido entre os pinheirais, "misturavam-se os gemidos dos doentes com o arrastar de esporas, o tilintar de armas, o relinchar de cavalos e os toques de businas e de tambor: conformações atléticas de guerreiros se atropelavam numa multidão de organismos doentios, caquéticos e defeituosos. Vinte e quatro dos mais corpulentos caboclos, armados com as mais compridas espadas encontradas no acampamento e montados todos em vistosos cavalos tordilhos, formavam a guarda de honra do "monge" que, interpretando, das suas leituras do livro predileto, a dignidade de Par como sendo uma dupla, intitidou-os de "Doze Pares de França". . .

E, controlados por êle, três "comandos" surgiram: o do acampamento, e que era a direção geral de tudo quanto às suas ordens estava; o da "forma", responsável pela organização militar do seu movimento, e, por último, o da "reza", encarregado de conduzir a intensa atividade religiosa dos fanáticos em torno d'êle reunidos.

Em Canudos houve um padre que se esforçou em vão por desviar o Conselheiro do seu fanatismo: foi Frei João Evangelista de Monte-Marciano. No Contestado fêz o mesmo, e com o mesmo resultado negativo junto ao "monge" e seus fanáticos, outro ministro de Deus não menos persistente e corajoso, Frei Rogério Neuhaus, franciscano, sobre cuja vida Frei Pedro Sinzig publicou um livro interessantíssimo.

"Eu procurei — falou Frei Rogério — verificar quem *êle* era. Não quis dizer de onde vinha, limitando-se a declarar que era um peregrino. Ao convidá-lo para se confessar, *êle* me respondeu: "Não quero dar motivo para falarem de mim". Não se confessou, nem assistiu no dia seguinte à Santa Missa, permanecendo deitado. Declarou *êle* que a confissão e a Santa Missa não valiam nada e o Padre Nosso, como os padres o rezavam, não estava direito. *Êle* distribuía entre o povo orações que não tinham sentido algum"...

A gente que o acompanhava não era, *tôda* ela, da mais humilde e rústica da região serrana catarinense, pois foi nas fazendas de Cipriano Almeida e de Francisco de Almeida, e com o apoio destes, que *êle* reuniu os seus primeiros adeptos.

Semanas depois, a convite de moradores de Curitiba, mudou seu acampamento para o distrito rural do Taquarussu, cuja população logo se multiplicaria, passando de algumas dezenas de habitantes para mais de 700 e com imensa satisfação para o chefe político local e presidente da Assembleia estadual, o coronel da Guarda Nacional Francisco Ferreira de Albuquerque (ou coronel Chiquinho como era chamado pelos seus *munícipes*), talvez porque os cozimentos de ervas do mato que receitava, o convertiam num perigoso concorrente do *boticário* opositorista...

Mas um dia (segundo o livro de Crivelaro *Marcial*) "São" José Maria se recusou a atender a uma ordem de Chiquinho para que fosse curar um de seus *parentes*, com cujo mal os médicos não atinavam, e isso

bastou para que contra *êle* se organizasse uma expedição punitiva, sob o pretexto de que já se transformara toum perturbador da tranquilidade pública e num inimigo do regime republicano, com os seus fervorosos apelos à volta da Monarquia "mais amiga de Deus e da Religião"...

E um clima de guerra se improvisou imediatamente no acampamento, onde o "monge" e seus Doze Pares de França começaram a preparar-se para ir deter, na própria vila de Curitiba, "as sanguinárias tropas da República maisã" constantes de 30 praças da Força Pública e civis armados, sob o comando do chefe de polícia do Estado, dr. *Silvio Gonzaga*...

Contudo, à batalha em perspectiva preferiram os fanáticos depois uma retirada estratégica para terras mais distantes, nos *sertões* de Irani, no Paraná, cujo governo os recebeu como se fossem pérfidos instrumentos dos "barrigas verdes", na disputa em que os dois Estados se empenhavam, mandando que contra *êles* partisse uma expedição de 400 homens de sua Polícia com metralhadoras e cavalaria. Dividida a força em dois grupos, para melhor mover-se, o menor *dêles* entrou em combate com o "monge", imprevistamente, na madrugada de 2 de outubro de 1912. Eram 60 e quase todos foram feridos ou mortos, entre estes seu bravo comandante, o coronel do Exército João *Gualberto*, cortado a facção depois que sua metralhadora engasgou. E como na luta tivesse também perdido a vida "São" José Maria, atingido mortalmente por uma bala de fuzil, seus adeptos logo se dispersaram, à falta de um outro chefe que os reunisse e orientasse de novo — mas por alguns

meses apenas, porque em breve o movimento tomaria corpo outra vez, e com características novas e mais alarmantes ainda, numa típica insurreição camponesa contra os que lhes negavam o direito de possuir suas próprias terras e os submetiam a outras opressões. E era natural que assim o fizessem, misticamente, sob uma bandeira religiosa qualquer, pois quanto mais isolados vivem os homens do campo, quanto mais desprotegidos se sentem diante da natureza às vezes tão hostil, mais se se apegam à sua fé religiosa — que neles ainda persiste hoje, tão viva, como entre os navegantes dos tempos idos, dos barcos a vela, do que temos exemplos tão vivos em tantas igrejas do Rio de Janeiro, no seu começo (como a da Candelária) modestas capelas erguidas em pagamento de promessas à Nossa Senhora em meio de terríveis tempestades no vasto e misterioso oceano...

Ê que nesses últimos anos, pouco antes da primeira grande guerra mundial, por sensíveis transformações havia passado, de fato, a parte do planalto de Santa Catarina já então chamada do Contestado, predispondo assim muitos de seus habitantes a se engajarem em rebeliões de tal natureza.

Santa Catarina — é coisa sabida — só foi colonizada pelos portugueses na sua faixa litorânea, evidentemente por não existirem ainda, pelo menos até o final do século XVIII, motivos poderosos que os levassem nela a subir serra acima para uma permanência definitiva. Os primeiros a desbravarem seus vastos campos distantes do mar foram os paulistas, que primeiro se fixaram em Lajes, ou que desde os tempos das minerações iam ao Rio Grande do Sul em busca de gado para o

abate e de muares para o transporte, exigidos pelas zonas do centro, produtoras de ouro.

O Contestado, propriamente dito, só começou a ter moradores às centenas ou aos milhares muito mais tarde, já ao aproximar-se o século XX, embora alguns decênios antes já tivessem sido criadas pelo governo da província as freguesias e depois vilas de Campos Novos, Curitibanos e S. Joaquim, em terras desmembradas do município de Lajes e situadas entre essa cidade e o vale do rio do Peixe, bem mais para dentro, na direção da fronteira argentina.

Muitos desses novos moradores do Contestado eram paulistas ou “curitibanos”, porque vindos dos lados de Curitiba, mas a êles outros logo se juntaram no começo da República, no decorrer das lutas entre o governo de Floriano e os que contra êle se haviam levantado em 1893: os navios da esquadra obedientes ao comando dos almirantes Saldanha e Custódio de Melo e os federalistas gaúchos. Procedentes do Rio Grande, e conduzidos pelo famoso caudilho Gumercindo Saraiva, êstes atravessaram o planalto catarinense e invadiram o Paraná, onde sitiaram a cidade de Lapa, para depois, no seu regresso, se desgarrarem em grande número da coluna revolucionária e construírem seu rancho à sombra dos belos pinheirais encontrados no caminho...

E tranquilos e felizes estavam, nesse mundo distante e ermo, sem contatos diretos e regulares com os governos, cuja existência desconheciam, e com as cidades, de que só sabiam vagamente, quando fatos novos, e para êles desconcertantes, principiaram a perturbá-los por volta de 1909 e 1910, tendo por ponto de partida o

prolongamento dos trilhos da E. F. S. Paulo-Rio Grande, que já se encontravam em Porto União, até o território gaúcho, e a toque de caixa, por causa de um estremeamento nas nossas relações com a Argentina, estimulado pelo chanceler Zeballos, a provocar o grande Rio Branco...

Para a construção da estrada foram dadas, pela União, nada menos de 15 quilômetros de terras, de ambos os lados da linha, terras, portanto, das quais, em vários lugares, tiveram de ser expulsos muitos caboclos nelas já instalados e destruídos seus ranchos e suas plantações. E valorizada tão rapidamente pelo trem de ferro a região inteira, sobretudo onde o pinho e a erva-mate mais abundavam, gente poderosa, vinda de fora, nela não tardou a se instalar, graças a concessões do governo, como a serraria estrangeira *Lumber*, as colônias de europeus patrocinadas pelo governo que a êles, brasileiros, não dava nada, ou fazendeiros que não queriam saber dos direitos dos pequeninos, que antes dêles ali já se encontravam, e sumariamente afastavam-nos de sua frente. E a esses fermentos de perturbação e revolta agreguem-se outros, ainda produzidos pela própria estrada de ferro, e que eram os trabalhadores rústicos ou foragidos da polícia por ela trazidos dos grandes centros urbanos para o assentamento dos seus trilhos, e que depois não voltavam às cidades, ficando a fazer parte de toda essa região cuja vidinha simples e despreocupada o progresso, chegado tão de repente, truncara inpedosamente...

E como se tudo isso não bastasse, nessa época de novas manifestações de fanatismo, agravava-se mais ain-

da a questão de limites, levando senhores de terras, que eram também simultaneamente políticos, a tomarem nela parte ativa, uns, de acordo com a origem de seus documentos de posse, como partidários do Paraná, e outros de Santa Catarina, para o que — e apoiados pelos governos dos dois Estados — já dispunham de muitas armas em suas fazendas...

A questão, que só seria resolvida na presidência Wenceslau Braz, em 1916, depois de pacificado o Contestado pelo Exército, vinha de quase um século atrás, ou seja de 1840, ao tempo em que o Paraná, não existindo ainda como província, fazia parte da de S. Paulo, com o nome de comarca de Curitiba. Descobertos e ocupados pelos paulistas os campos de Palmas, que se estendiam até perto do Iguaçu, do lado catarinense, o presidente de Santa Catarina alegou pertencerem, estas, à sua jurisdição, não sendo, porém, o seu protesto levado em conta por S. Paulo, e muito menos, alguns anos depois, pelos paranaenses quando, pela lei de 29 de agosto de 1853, obtiveram êles sua emancipação política e a comarca de Curitiba se transformou na província do Paraná, que, além dos campos de Palmas, entendeu de incluir nas suas fronteiras enormes glebas da margem catarinense do rio Negro, e nas quais, e para melhor defendê-las, Santa Catarina criaria em 1911 o município de Canoinhas...

Morto "São" José Maria nos sertões paranaenses, pouco a pouco foram, realmente, retornando os seus fanáticos às regiões rurais catarinenses, de onde tinham saído, mas levando-lhes a notícia de que, ao ser baleado,



dissera êle que o esperassem de novo, porque "haveria de voltar ao seu povo para salvá-lo, pela graça de Deus". . .

E, com efeito, certa manhã, meses após, uma das netas do fazendeiro Euzébio Ferreira dos Santos ("Seu" Zébinho) entrou em casa emocionadíssima, gritando que o "santo" já tinha mesmo voltado para cumprir assim a sua promessa:

— Vovô! Eu vi agora mesmo três homens debaixo da caneleira! Um deles era São José Maria!

"Seu" Zébinho era homem de muito bom conceito no município de Curitiba e figurava entre os primeiros adeptos do "monge", que no ano anterior haviam abandonado suas casas e suas plantações para segui-lo, com a família numerosa. Perseguida a concentração pela polícia catarinense, escondeu-se em Pedras Brancas "até ver no que davam as coisas". E quando tudo se acalmou, depois do combate de Irani, foi que regressou à fazenda, mas com redobrada fé no "santo", cujos desígnios — afirmava — tarde ou cedo se realizariam. . .

E' de imaginar-se, portanto, com que alegria soube que o "monge" tinha escolhido uma de suas netas, a Maria Rosa, para dar ao povo o esperado aviso de sua volta, e a êle a missão de em três dias reorganizar o acampamento de Taquarussu, nova Terra da Promissão. . .

A 1.º de dezembro de 1913 lá já estavam, na verdade, acompanhado de outras famílias e amigos, aos quais em pouco muitas outras pessoas se juntariam — homens, mulheres e crianças, gente sadia e velhos enfermos — em ranchos de palha e casinholas de madeira improvisadas, todas ostentando os distintivos do movi-

mento, e que eram uma bandeira branca com uma cruz no centro e a imagem de São Sebastião.

Ressurgia assim o fanatismo com a mesma intensidade de 1912, e como lhe faltasse um comando ágil, capaz de prepará-lo para as lutas futuras, dêle se encarregou primeiro um filho de 18 anos de "Seu" Zébinho, logo destituído por ter abusado no seu posto de três donzelas, e depois um neto, Joaquim, de apenas 12 anos, por já ser demais idoso, o fazendeiro de Curitiba, para tão pesada tarefa. No acampamento, ou Quadro Santo, a população tinha ascendido depressa a quase mil almas, que se reuniam para rezar coletivamente três vezes por dia. Seu alimento era o churrasco, feito de boi doado por gente amiga ou confiscado nas fazendas dos políticos em virtude de cujas perseguições dezenas de sertanejos se haviam transformado em fanáticos também. E por entre êles os Doze Pares de França, guarda de honra de "São" José Maria, faziam com frequência arriscados exercícios de equitação e combate, com grupo de elite que eram das "milícias santas" que a qualquer momento poderiam ser chamadas a defendê-los de novos ataques dos "peludos" da "malvada República".

Esse sentimento anti-republicano dominava entre os sertanejos no fim do século passado e nos começos deste, sobretudo entre os mais simples e mais apegados à religião (tal como êles a entendiam, geralmente de um modo um tanto primário), e suas origens estavam, por certo, no anticlericalismo dos propagandistas da República e na sua violenta campanha contra a Princesa Isabel, que apresentavam como inteiramente fanatizada pelos padres, do que se aproveitavam os adeptos da Mo-

narquia, notadamente o clero do interior, para o novo regime como coisa do diabo, inimiga de Deus, capaz de todas as infâmias...

E quando a República chegou até eles pela primeira vez, como no episódio dramático de Canudos duas décadas antes do Contestado, foi na verdade com soldados e canhões, para afastá-los violentamente, a ferro e fogo, de uma dessas suas manifestações coletivas de misticismo, e de fato essa maneira republicana, tão precipitada, de chamá-los à ordem só poderia afeiçoá-los ainda mais ao regime deposto em 1889, para eles agora mais que nunca ligada tão intimamente, portanto, à ideia de Deus e da religião...

Reagrupando-se assim, eles não podiam deixar de causar sérias apreensões a muitos "coronéis" das redondezas, pondo em perigo a sua autoridade sobre populações que antes lhes vinham prestando completa obediência, ou ameaçando-os também nos seus interesses econômicos, ao lhes confiscarem as reses para a alimentação do "Quadro Santo" ou ao atraírem para este lavradores e peões empregados em suas fazendas e estâncias. E eis porque o Governador Vidal Ramos seria por eles instado a pedir providência ao governo federal contra o "alastramento de tal anarquia, que também desprestigiava a verdadeira religião". Era presidente da República o Marechal Hermes da Fonseca, e de acordo com as suas instruções o General Abreu, da XI Região Militar sediada em Curitiba, organizou um destacamento para entrar em ação na zona perturbada, mas sem propósitos ofensivos, e sim, tão somente, para "observar

os movimentos do grupo de fanáticos reunidos em Taquarussu sem hostilizá-los".

Para o desempenho da tarefa foram escolhidos o Capitão Adalberto de Menezes com 100 homens do 6.º R. I. e o Capitão Esperidião de Almeida com 60 do 5.º R. I., aos quais se juntariam cerca de 50 praças da Força Pública de Santa Catarina transferidas de Florianópolis para Curitiba.

Estando já, porém, a pequena coluna em marcha receberam os seus dois capitães novas ordens do alto comando, contendo um plano de ataque ao acampamento inspirado, segundo se noticiou na ocasião, pelo Capitão Lebon Régis, secretário do Interior do governo catarinense. Taquarussu seria pegado de surpresa por três lados, simultaneamente: partindo do Rio Caçador, o Capitão Adalberto chegaria até o reduto de "Seu" Zébinho pela estrada da Liberata, pelo norte; o Capitão Esperidião o alcançaria pelo sul, marchando de Campos Novos pelo Espinilho, e a polícia do Estado pelo leste, utilizando-se de um trilho no mato que levava a Curitiba.

O primeiro a entrar em contato com eles foi o Capitão Adalberto, logo contido por três horas de fogo, vindo das mais diferentes direções, num terreno ingrato para uma tropa regular. Morto um de seus soldados e com outros 12 feridos e vendo que o destacamento do 5.º R. I. e os catarinenses não se aproximavam, não teve outro remédio senão recuar para não perder todos os seus homens. E nesse mesmo momento, a poucas léguas de distância, ao sul, o Capitão Esperidião fazia o mes-

mo, ao saber que o inspetor de quartirão Venâncio, em cuja fazenda acampara, se havia mudado para o "Quadro Santo" na véspera, disposto, sem dúvida a traí-lo. . .

Apesar, portanto, da experiência de Canudos e da mais recente dos campos e das matas de Irani, ainda meses atrás percorridas sem êxito por uma coluna sob o comando do Coronel Basílio Pyrrho à procura dos brigadores do "monge" José Maria, responsáveis pela morte do Coronel João Gualberto — a verdade era que o Exército brasileiro insistia ainda em enfrentar essas guerrilhas sertanejas, em plena selva, sem se adaptar a êsse tipo de luta, sem deixar de lado os seus métodos clássicos de guerrear, impróprios para tais circunstâncias e para tais inimigos, que, dispersando-se e reagrupando-se com espantosa facilidade no terreno que tão bem conheciam e informando-se previamente de tudo quanto em torno acontecia, graças aos seus hábeis e sorrateiros "bombeiros", que eram no Contestado as suas sentinelas avançadas, não necessitavam realmente de grandes recursos materiais para detê-los na sua marcha ou submetê-los a frequentes insucessos. . .

E êsse seu mal sucedido ataque a Taquarussu haveria de custar-lhe, dentro de pouco, imensos sacrifícios e dissabores, porque os fanáticos, alentados pelo êxito alcançado contra o pequeno e improvisado destacamento do 5.º e do 6.º R.I., iriam encher-se de maiores bríos e confiança na sua capacidade de luta, vendo na República, mais ainda, um terrível inimigo, de cujas "garras assassinas" precisariam defender-se com redobrada energia, sobretudo depois que o amigo deles, o negociante Praxedes Gomes, indo a Curitiba reclamar uma car-

ga encomendada em Florianópolis e apreendida pelo chefe de polícia, seria morto a tiros, apesar de levar bem alto uma bandeira branca, sinal de que nada mais queria do que o tinha custado o seu dinheiro. . .

Derrotadas em Irani, derrotadas na sua investida contra o "Quadro Santo" de "Seu" Zébinho, as forças do governo não poderiam, portanto, deixar de reagir, para que não ficasse comprometido o prestígio da autoridade — e foi do que se encarregou, em janeiro de 1914, o Tenente-coronel Aleluia Pires, à frente de uma coluna de 750 homens, composta de contingentes do 54.º de caçadores (Capitão Nestor Sezefredo dos Passos e Capitão Garrocho); do 5.º R.I. (Capitão Pedro Cavalcanti), do 4.º R.I. (Capitão Alves Pinto), do 6.º R.I. (Capitão Adalberto de Menezes), da seção de artilharia comandada pelo Tenente José Júlio, de outra de metralhadora sob o comando do Tenente Peixoto de Castro, de um esquadrão de cavalaria comandado pelo Capitão Zaluar e de uma força da polícia catarinense comandada pelo Capitão Schmidt.

Como ajudantes do coronel serviam o Capitão Vieira da Rosa e o Tenente Alberto Fontoura, tendo sido iniciadas as operações, propriamente ditas, no dia 8 de fevereiro, nas proximidades de Espinilho, de onde êles partiram rumo de Taquarussu, caminhando na maior parte do tempo em fila indiana, por estreitos e sinuosos "carreiros" enlameados por chuvas recentes.

Ao invés de enfrentá-los com persistência durante essa sua marcha pelo matagal, os fanáticos preferiram oferecer-lhes maior resistência entrincheirados em torno de seus casebres, no acampamento, perto do qual, a me-

nos de um quilómetro, uma elevação se destacava, aproveitada pelo Tenente José Júlio para o assentamento dos seus *canhões*, ladeados pelas *metralhadoras* do Tenente Peixoto de Castro, e do aspirante Isaltino.

Ao meio dia os primeiros tiros se fizeram ouvir, e era a primeira vez que isso acontecia naquele lugar distante, pobre refúgio de um bando de caboclos analfabetos e místicos, mal armados de facões e rústicas espingardas de caça e meia dúzia, talvez, de *Winchesters*...

Mas a medonha surpresa, longe de intimidá-los, os enraiveceu ainda mais, pois nos intervalos do tiroteio, que matava mulheres e crianças que rezavam perto, metiam a cabeça para fora de seu esconderijo e gritavam, num desafio, para os enviados da "República satânica":

— Viva "São" José Maria! Viva a Monarquia! Avança, "peludo"! Vem "pé redondo", vem brigar a ferro branco!

Ao cair da tarde, porém, a reação do "Quadro Santo" cessou, por se terem convencido certamente seus brigadores de que nada lhes adiantava, imobilizados como estavam, opor às grandes balas explosivas dos *canhões* do governo os miúdos *cartuchos* de suas espingardas. E em meio de uma terrível tempestade que caía (demonstração viva, para *êles*, de que do alto do céu o "monge" estava dando a merecida resposta aos invasores) *maneiramente* se foram retirando, antes que o comando da coluna, já praticamente nas mãos do Capitão Nestor dada uma indisposição do Tenente-coronel Aleluia, se decidisse a ocupar pela infantaria o reduto revolvido e incendiado pela *artilharia*...

Essa ocupação só se verificou no dia seguinte, e eis o que foi por *êles* encontrado, segundo o depoimento do médico que os acompanhava, Capitão Alves Cerqueira:

"O estrago era pavoroso. Grande número de cadáveres, calculado por uns em 40 e tantos; e por *outros* em 90 e tantos; pernas, braços, cabeças, animais mortos... Bois, cavalos, casas *queimadas*... Fazia pavor e pena o espetáculo que *então* se desenhava aos olhos do espectador. Pavor motivado pelos destroços humanos; pena das mulheres e das crianças que jaziam inertes por todos os cantos do *reduto*..."

Os atacantes, pelo contrário, não tinham perdido senão um homem, soldado do 54.º de caçadores. Os seus feridos não *passavam* de três, e tendo fugido da presença deles o inimigo, tão violentamente castigado, era natural que se considerassem vitoriosos e nessa presunção empreendessem a viagem de volta, cantando pelo *caminho*...

De fato. Taquarussu não existia mais, liquidado que havia sido o seu "Quadro Santo" pelas armas republicanas. Mas em seu lugar, nesse instante, já estava nascendo Caragoatá, a abrir os braços acolhedores para os que quisessem, nos seus ranchos e casebres, continuar à sombra da "santa bandeira" de guerra dos dois "monges".

Surgira o novo acampamento da mesma maneira que o antigo, sob a inspiração de "São" José Maria, que ali também se utilizara de uma outra "virgem" chamada Maria Rosa, mas esta filha de *Eliasinho* Miguel dos Santos, para ordenar-lhes que se reunissem e pre-

gassem a sua doutrina, segundo as leis de Deus e da Monarquia, para derrotar as da República e do Diabo... E, reunidos logo em grande número — uns 400 em poucos dias — proclamaram Manoel Alves de Assunção Rocha, ou Rocha Alves como era mais conhecido, "imperador" daqueles sertões, jurando dar a vida para que se convertesse em realidade o seu programa de governo, constante de uma "carta aberta à nação", divulgada em cópias a mão, ainda em Taquarussu, a 24 de agosto de 1914.

"Aclamado imperador constitucional da Monarquia Sul-Brasileira — dizia êle — convido a nação para lutar pelo completo extermínio do decaído governo republicano, que durante 26 anos infelicitou esta pobre terra, trazendo o descrédito, a bancarrota, a corrupção dos homens e finalmente o desmembramento da pátria comum", e anunciava que o seu propósito era eliminar o último soldado republicano do território da Monarquia a ressurgir nas províncias do Rio Grande, Santa Catarina e Paraná, às quais oportunamente seria anexada a antiga Cisplatina (ou seja o Uruguai); e reorganizar a Guarda Nacional (reivindicação natural, aliás, de todos os que a ela haviam pertencido nos seus tempos gloriosos no Império, sobretudo na guerra do Paraguai); e fazer respeitar de novo a liberdade de imprensa; e restabelecer a Igreja Católica como religião oficial; e dar proteção à indústria e à lavoura; e considerar brasileiros todos os estrangeiros residentes no país há dois anos ou mais; e unificar as leis da Justiça e modernizar o seu sistema de julgamento; e distribuir aos lavradores as terras devolutas gratuitamente; e criar

um "exército aviador", à maneira do que estavam alcançando tanto sucesso na Europa, na primeira grande guerra mundial, e, entre outras tantas coisas, impor a todos o ensino obrigatório, tanto à infância como aos soldados — o que era uma prova de que, neles, nem tudo era tão primário como à distância parecia. . .

Dom Alves Rocha — e era assim que daí em diante êle passaria a chamar-se — gozava de muita simpatia no vale do rio do Peixe. Idoso e de bom coração, possuía mais de uma fazenda e graças aos seus esforços, principalmente, é que tinha sido fundado perto de Caçador o povoado de S. Sebastião das Perdizes, com igreja confortável para as festas do santo padroeiro daquelas redondezas. . .

Mas além dos refugiados de Taquarussu, conduzidos por "Seu" Zébinho que capengava, com um estilhaço de granada na perna, outros muitos não tardaram também a fixar-se nos domínios do novo "imperador" sertanejo, e se alguns dos recém-chegados eram homens e mulheres dominados, exclusivamente, por um misticismo religioso, outros, pelo contrário, não passavam de puros nómades, amigos de perigosas aventuras, ou de pobres caboclos esbulhados, nos seus direitos, pelos poderosos que tudo queriam açambarcar no vale em pleno desenvolvimento, entre êles Venuto Bahiano, de sangue de índio, ex-soldado no Rio Grande e criminoso em Lajes; "Castelhano" (Agustin Peres Saraiba) remanescente dos federalistas de Gumercindo Saraiva de 1893; o italiano conhecido por Garibaldi, talvez anarquista no fim do século XIX na Itália; três negros que haviam provavelmente trabalhado na construção da estrada de ferro,

o Fragoso, o Olegário e o Germano; o "capitão" Nabor, mulato gaúcho; os irmãos Leite; os cinco irmãos Crespo, os irmãos Alonso e Adeodato Joaquim Ramos, o caboclo Adeodato, que, desconhecido ainda, acabaria em breve, no entanto, como o chefe supremo de todos êles, enfrentando um general do Exército...

Como nas monarquias constitucionais, o "imperador" Dom Rocha Alves não governava, limitando-se a ser como que a personificação do Império que se desejava restabelecer no planalto catarinense. Conselheiro dos aflitos, era ainda quem distribuía ervas e remédios aos enfermos do corpo. Ao seu lado, liderando os fanáticos, viam-se Eliasinho, pai da "virgem" Maria Rosa, "Seu" Zébinho, e Elias de Morais, o "comandante da forma e da reza", responsável, nesses primeiros dias, pela defesa do reduto contra seus possíveis futuros atacantes.

Escrevendo aos amigos distantes, para que também formassem com êles, dizia-lhes Elias de Morais: "O governo da República toca os filhos brasileiros dos terrenos que pertencem à nação e vende-os para o estrangeiro; nós agora estamos dispostos a fazer prevalecer os nossos direitos"... E Chico Ventura acrescentava: "Lembre-se de que lhes disse tantas vezes, que a lei que Deus deixou no mundo é a Lei do Rei; e essa é a que estamos esperando e se Deus quiser havemos de ver; lembrem-se bem que o primeiro governo que tivemos foi o do Império; e êsse é o que estamos esperando e se Deus quiser havemos de ter, nem que chova sangue. Nós não temos direito de terra, tudo é para as gentes da Oropa"...

Os casamentos eram feitos no próprio acampamento, pelo "comandante da reza", e enquanto as mulheres rezavam ou cuidavam da comida, os homens, nos intervalos das rezas, saíam à procura de bois para o churrasco ou se adestravam na arte da guerra, manejando facões e espingardas, ou vasculhavam os arredores, às vezes lugares distantes, como hábeis "bombeiros" para ver o que estava querendo o governo, que realmente já havia mandado os soldados do ataque a Taquarussu fazerem "meia volta volver" e, reforçados por outros, retornarem à luta, antes que Caragoata crescesse em demasia...

Doente o Tenente-coronel Aleluia Pires, passou a comandá-lo o Tenente-coronel José Gameiro, entre cujos auxiliares imediatos figuraria, à frente de um contingente do 5.º R.I., o Capitão Matos Costa, que pelas suas ideias próprias sobre o problema do fanatismo poderia ter representado um papel *destacadíssimo* na sua solução, se pouco depois não fosse surpreendido e morto, numa outra operação pelos fanáticos que ignoravam os seus sentimentos a respeito dêles...

Ao contrário de Taquarussu, de acesso relativamente fácil, ficava Caragoata nas faldas da serra do Espigão, entre os rios do Peixe e Caçador, em terreno mais acidentado, e servido por caminhos dos mais precários, que as grandes chuvas de verão tinham deixado intransitáveis de todo, principalmente para a artilharia e os cargueiros de mantimentos e munição. E foi quando se encontrava ainda longe do seu objetivo, atravessando rios que transbordavam, que a coluna Gameiro se viu atacada dos mais diversos ângulos por um inimigo ma-

treiro, escondido por trás de grossos tocos de árvores ou nas suas ramagens, e que assim a obrigava à luta difícilíssima, para a decisão da qual de nada lhe valeriam os pesados canhões que penosamente arrastava pelos atoleiros...

Nenhum deles, no entanto, se acovardou. Pelo contrário: passando ao contra-ataque os soldados dos Capitães Sezefredo Passos, Vieira da Rosa, Matos Costa e Alves Pinto e dos Tenentes Basílio, Stemberg, Caldas Sobrinho, Facó, Horácio Cotrim, Franco de Souza e Januário, ajudados pelos seus cabos e sargentos, e pelo Capitão-médico Alves Cerqueira, logo responderam ao fogo que nem sempre sabiam de onde procedia, indo mesmo, muitas vezes, surpreender os fanáticos nos seus entrincheiramentos, graças a corajosas cargas de baioneta, para liquidá-los. Mas eram muitos esses atiradores camuflados e longe ainda estava o objetivo visado para que se insistisse na sua conquista com tanto derramamento de sangue, razão pela qual resolveu o comando que recuassem para seu ponto de partida, em Perdizes, antes do anoitecer, e que ao governo fosse comunicado que suprimir o fanatismo no Contestado já não era uma tarefa para tenente-coronel, dado o vulto dos elementos necessários para isso, e sim para um general de brigada, pelo menos...

O ataque frustrado a Caragoatá havia custado ao Exército a vida do Capitão Alves Pinto e do Tenente Belísio e de 26 sargentos, cabos e soldados. Os feridos também andavam por vinte e tantos. E como se soubesse de novas adesões recebidas pelo "Imperador dos sertões", cujos adeptos pareciam dispostos a não mais se

concentrar num só ponto, para que assim mais difícil se tornasse atacá-los, a tropa dessa vez não voltou aos seus quartéis, permanecendo acantonada na estação próxima de Calmon, da estrada de ferro, e em Cachoeirinha, nos limites das terras disputadas por Santa Catarina e pelo Paraná. Para comandá-la foi designado um veterano da campanha de Canudos, o General Carlos de Mesquita, e para aumentar seus efetivos, até 1.700 homens, veio do Rio Grande do Sul o 7.º R.I., sob o comando do Tenente-coronel Adolfo de Carvalho, e mais um pelotão de trem, e uma companhia de engenharia, e o 20.º de caçadores, além de uns 200 vaqueanos do "coronel" Fabrício Vieira.

E se assim fazia o governo, para precaver-se, mais prudentes ainda se mostrariam os fanáticos, não obstante o fracasso da última expedição contra êles enviada. Com efeito, dizendo-se inspirada por "São" José Maria, que voltara a aparecer aos seus olhos, a "virgem" Maria Rosa ordenava-lhes que se mudassem do Caragoatá para outro lugar estrategicamente melhor situado e que, em lugar de um só acampamento, se dispersassem um pouco, pois desse jeito melhor se defenderiam. A mudança não tardaria a ser feita, indo Maria Rosa à frente de uma coluna de milhares de homens e mulheres e cargueiros e rebanhos, vestida de branco, os cabelos compridos soltos sobre os ombros, num cavalo com arreios vistosos, e com os Doze Pares de França servindo-lhe de guarda de honra pelos campos ou pelos trilhos mal abertos na floresta...

A maioria fixou-se em Pedras Brancas, perto das cabeceiras do rio Paciência, na serra dos Vieiras, a 40

quilômetros apenas da vila de Canoinhas. Eram nada menos de 3.000 brigadores armados de facões e espingardas, reforçados por 200 a cavalos, estes com Winchester e Comblains, e mais de Doze Pares e um grupo de choque de 25 "valentes consumados", adestrados, como os "Pares", para as mais difíceis missões. As mulheres, de 17 anos para cima, subiam a 2.000, e os meninos e as meninas a 500. Perto, em Tamanduá e Vacas Brancas, outros redutos se improvisavam simultaneamente, e um quarto mais ao norte, em Santo Antônio, este audaciosamente instalado (talvez como fortaleza dos demais, porque só se compunha de homens) a menos de 20 quilômetros da estação de Pôço Preto, do ramal de S. Francisco, da estrada de ferro, e dentro, já, da parte de Santa Catarina que o Paraná desejava anexar...

Tendo resolvido começar seu ataque pelo de Santo Antônio, o General Carlos de Mesquita transportou seu destacamento misto de Calmon para Pôço Preto, em dezenas de vagões, e foi nessa última estação que se meteu mato a dentro no dia 16 de maio de 1914, à procura de seus primeiros contatos com o inimigo sobre cuja verdadeira localização e sobre cujos efetivos não possuía informações completas. Dias antes um de seus oficiais, o 1.º Tenente Pereira Campos, havia sido trucidado, possivelmente por um grupo de "bombeiros" procedentes do reduto que ia ser agora atacado, no momento em que se dedicava a um reconhecimento do terreno nas proximidades da Vila Nova do Timbó, a poucos quilômetros de distância. O Padre José Lechnor, que fôra pedir-lhes que negociassem com o governo, voltara da presença deles com o recado de "os da República não

entravam no mato para brigar"... E na ponte que a coluna estava atravessando a duas ou três horas depois de sua partida de Pôço Preto, um aviso tinha sido encontrado, mal escrito, prevenindo-a de que mais adiante a morte a esperava...

Mais um pouco, e, de fato, a ameaça se convertia em realidade, ao ser a tropa inopinadamente alvejada à destra e à sinistra, e ainda pela frente, em meio de uma gritaria infernal, que vinha de todos os 3 lados, sem que dos barulhentos atiradores nada se visse, a não ser a fumaça de seus tiros por entre os galhos das árvores próximas...

A primeira reação dos que avançavam, e eram dessa forma surpreendidos, não podia ter sido mais dramática. Na verdade, o pânico já começava a apossar-se deles, para levá-los, pois, a caírem ainda em piores condições, uns separados dos outros, nas mãos dos fanáticos. Mas o próprio general, a cavalo, gritando e de espada em punho, não tardaria a acalmá-los, com a decidida colaboração dos seus oficiais, dois dos quais os Tenentes Antonino Mena Gonçalves e Arnold Macedo, encabeçariam uma carga de baioneta do 7.º R.I. para permitir o reinício da marcha, sem maiores tropeços, até Santo Antônio, ocupado ao cair da tarde.

Apesar de tudo, a coluna só havia perdido, na operação, o sargento Ivo, dois cabos um soldado e um vaqueano, e no reduto os cadáveres de fanáticos encontrados se resumiam a dez — uma coisa de nada para a legião de milhares a ser destruída... E eis talvez porque, com a sua experiência dos combates contra Antônio



Conselheiro em Canudos quase vinte anos antes, o General Carlos de Mesquita achou mais prudente dar sua missão por terminada ali mesmo, coroada por uma vitória, do que sair sozinho ou, por outra, com uma coluna só ao assalto de outros redutos ou a caçá-los nas selvas onde lutavam tão vantajosamente. . .

Hostilizados em Santo António por grupos de atiradores escondidos nos arredores, no dia 17 e no 18, os soldados do governo voltaram para Pôço Preto no dia 19, e semanas depois era o destacamento dissolvido, só permanecendo no Contestado o 16.º de caçadores, sob o comando do Capitão Matos Costa, para a proteção das estações ferroviárias das vizinhanças de Porto União, que era onde ficava o seu quartel.

O problema, cada vez mais complexo, já agora pedia mais que um regimento ou uma brigada, para que se pudesse resolvê-lo por inteiro; pedia pelo menos uma divisão, com várias colunas, para operações militares mais amplas, que encerrassem os sublevados num autêntico anel de ferro e fogo, forçando-os a render-se.

Ou isso ou, como entendia o Capitão Matos Costa, uma política inteiramente nova nesse particular no Brasil, que procurasse enfrentar e dominar essas rebeliões de sertanejos por meios pacíficos, e não pelas armas, como já tinha sido feita em Canudos e se fazia com as populações influenciadas por "São" José Maria. . .

No seu entender esses eram movimentos mais animados pela ignorância da gente do interior, pelo abandono em que ela vivia (muitos tinham sido expulsos de suas terras, ocupadas pela estrada de ferro, pela Lum-

ber, por poderosos "coronéis" ou por colônias estrangeiras) do que pela sua propensão para o bandoleirismo ou pelo prazer de brigar, incendiar e matar. Sentindo-se desamparados, nada mais lógico que dessem ouvidos aos da sua própria condição que diante deles assim se apresentassem, escolhidos por Deus para salvá-los. . . Por que, nesse caso, exterminá-los como a inimigos da pátria, vindos de fora para dominá-la? Melhor seria tratá-los pacientemente, vendo neles nada mais do que crianças grandes, levadas ao crime pela pobreza dos pais e à incompreensão do Estado, que não lhes dera a assistência devida. . .

Para tentar convencer o governo dessas suas ideias, algo avançadas para o Brasil de então, o comandante interino do 16.º de caçadores fez uma viagem ao Rio de Janeiro, nos meados de 1914, e ao regressar já encontrou a zona confiada à sua vigilância seriamente perturbada pelas incursões dos fanáticos, que saíam dos seus redutos para atacar as instalações da companhia Lumber e incendiá-las, as estações ferroviárias ou as propriedades de ervateiros e madeireiros nacionais e estrangeiros, ou ainda as colônias de europeus no vale do rio do Peixe. Antigo defensor de Canoinhas, armado para isso pelas autoridades catarinenses, o político Bonifácio Papudo também acabava de aderir ao fanatismo, organizando em Paciência outro acampamento, para acolher os que desejassem tomar parte na "sagrada luta" sob a sua direção. E suspeitos eram, por sua vez, os desígnios do "coronel" Fabrício Vieira, colaborador das forças legalistas na expedição do General Carlos de Mesquita, mas agora interessado em valer-se do nome do

"monge" para anexar ao Rio Grande do Sul, de onde chegara no fim do oitocentismo com os federalistas, o território disputado por paranaenses e catarinenses — para o que estava em constantes conversas com emissários de políticos gaúchos seus amigos, que lhe facilitavam um intenso contrabandar de armas e a entrada de dinheiro falso no Contestado. E para que tudo se complicasse ainda mais, com o maior entrosamento do problema dos fanáticos com a questão de limites, o exemplo de Bonifácio Papudo não demoraria a ser seguido por Juca Tavares, antigo serventuário da justiça de Santa Catarina, e que, atacado do extremado espírito regionalista, diríamos melhor de um violento primário "barriga-verdismo", pretendia mobilizar contra o Paraná todas essas paixões, essas insatisfações em ebulição, e exatamente ali, ao longo das fronteiras estaduais em disputa. . .

A morte do Capitão Matos Costa aconteceu nesse momento e não deixou de ser, até certo ponto, uma consequência da "prova de lealdade" a que os chefes brigadores do reduto de Pedras Brancas resolveram submeter seu colega Venuto Bahiano, de cuja lealdade já desconfiavam. Incumbiram-no por isso de comandar, em companhia do terrível Chiquinho, uma incursão punitiva a um trecho da zona cortada pela estrada S. Paulo-Rio Grande, para castigar nela todos quantos fossem considerados inimigos do povo pobre protegido por "São" José Maria. E daí, para salvar-se, os monstruosos crimes que cometeu ou instigou. A estação de Calmon foi assaltada e incendiada e assassinados os seus funcionários. Mais adiante um telegrafista e um guarda-chaves

foram mortos também. Foi incendiada uma serraria da Lumber, e ainda mortas muitas outras pessoas na marcha trágica do bando numeroso e bem armado, ao encontro do qual o comandante interino do 16.º de caçadores partiu de Porto União, nos primeiros dias de setembro, viajando de trem com apenas dois sargentos e sessenta soldados. "Mas são uns seiscentos" — disseram-lhe no caminho, ao que ele respondeu, bravo como era, que não tinha o costume de correr sem ver primeiro de que. . .

O combate foi engajado num lugar ermo, onde pararam para os primeiros reconhecimentos.

— Fiquem aí de fogos acesos e atentos — recomendou ao maquinista e ao foguista - - pois se forem muitos os jagunços nós nos entrincheiremos dentro do vagão.

Aos primeiros tiros, porém, os dois, tremendo de medo, saíram em louca marcha-ré de volta a Porto União, deixando Matos Costa e seus soldados entregues a Chiquinho e Venuto. Seu cadáver só foi achado oito dias depois, mas perto também estava o de Venuto, fuzilado pelos seus próprios companheiros. . .

\* \* \*

Nomeado comandante da XI Região Militar e da expedição definitiva contra os fanáticos — a chamada Grande Expedição ao Contestado — o General Fernando Setembrino de Carvalho, homem de muito valor e elegante e fino a um tempo, chegou a Curitiba por ocasião do enterro do capitão trucidado uma semana an-



tes, um enterro a que milhares de pessoas compareceram, pois não havia quem não o admirasse, e de ambos os lados; dos catarinenses e dos paranaenses.

E chegava o general na ocasião mais oportuna, alarmadíssimas que já andavam as populações serranas (e inclusive a de Curitiba, cidade grande e distante) com as atividades crescentes dos redutos rebeldes, em incursões tão numerosas nas mais variadas direções. Nas serrarias da **Lumber** e nas fazendas e colônias ao sul de Porto União ninguém vivia tranquilo. Viajar para o litoral, no ramal de **S. Francisco**, era um perigo. "Castelhano" espalhava o terror até Lajes, Curitiba e Campos Novos e **S. Joaquim**, cidades de que o povo estava querendo fugir, temeroso de ataques maiores. E enquanto Bonifácio Papudo quase todas as noites provocava tiroteio às portas de Canoinhas, **Juca Tavares** se metia pelas terras em poder do Paraná e pregava, à maneira de outros e que fanáticos não eram, a guerra aberta dos catarinenses contra os paranaenses. . .

O estado-maior da Expedição Setembrino foi organizado ainda em setembro. Compunham-na quatro regimentos de Infantaria: o 4.º, o 5.º, o 6.º, já na XI Região, e o 10.º, vindo do Rio Grande do Sul; quatro batalhões de caçadores: o 51.º, o 54.º, 56.º e o 57.º; dois regimentos de cavalaria: o 2.º e o 14.º; o 2.º regimento de artilharia montada; o 2.º batalhão de engenharia; uma companhia de metralhadoras; um esquadrão de trem; uma bateria de obuzes, e mais uma companhia do 53.º de caçadores organizada em **Lorena**, e dois contingentes das polícias militares dos dois Estados envolvidos no conflito, os dois com mais de 500 homens.

No papel era toda uma divisão, mas, no dizer de Crivelaro Marcial (ou seja do General Dermeval Peixoto), nenhuma dessas numerosas unidades que a integravam poderia ser levada ao "front", pelo General Setembrino, com o seu equipamento e os seus efetivos completos, dada a deficiente organização militar do Brasil naquele momento e à pernicioso influência exercida nos quadros combatentes pelos políticos e as famílias de destaque, sempre a conseguirem do governo ou dos ministros a transferência para missões melhores, nas capitais, dos oficiais escolhidos para outras mais difíceis ou perigosas no interior. E a tal propósito, apontava-nos **êle** o caso do 4.º R.I., que, ao invés de um coronel, tinha no seu comando um major, **êste** substituído no seu batalhão, que pedia um tenente-coronel, por um simples tenente. . .

O início das operações foi precedido de um apelo do comandante-chefe aos rebeldes e suas famílias, para que se rendessem. Em troca nenhum deles seria castigado. Alguns o atenderam. Outros, no entanto, não recuaram de sua rebeldia, como **Juca Tavares**, por exemplo, que alegou estar de armas nas mãos, nas cabeceiras do rio Itajaí, para forçar o Paraná a entregar a Santa Catarina as terras que, por sentença do Supremo Tribunal, "catarinenses já eram". . .

Mas já a essa altura sensíveis modificações se tinham verificado nos domínios do fanatismo. Meses antes a "virgem" Maria Rosa fizera ascender ao comando geral do movimento um rapaz de Timbòzinho, Francisco Alonso de Souza, o mesmo **Chiquinho** da incursão de que resultara a morte do Capitão Matos Costa, e sob as suas ordens os fanáticos se instalavam na serra do Ca-

çador, em número superior a 6.000, e simultaneamente outros grupos menores surgiam em torno, como o do caboclo Bibiano, com 1.600 almas, em Pinheiros; o de João Vieira, com 800, nas ruínas de Santo António, e o de Aleixo Gonçalves, antigo fiscal da S. Paulo-Rio Grande e remanescente também das tropas de Gumercindo Saraiva, com 1.200 em Campo Alto, onde não tardaria a destacar-se o brigador "Alemãozinho" (Henrique Welland), um fotógrafo ambulante que até êles chegara como prisioneiro, agarrado pelos "bombeiros" do reduto por estar tirando fotografias que podiam ser para o govêrno: . . . A autoridade de Dom Rocha Alves, o "imperador do sertão", não existia mais, praticamente. O poder era agora, de Chiquinho, muito afoito, e por isso mesmo logo depois ferido e morto num assalto mal preparado contra as colónias alemã e polonesa do rio das Antas — imprevisto êsse que os levaria a dividir-se em dois partidos para a escolha de seu sucessor: o de Elias de Moraes, "comandante da forma e da reza", na verdade mais da reza que da forma, e o da "virgem" já ultimamente na oposição, mas vitorioso na disputa, ao conseguir substituir o chefe desaparecido pelo jovem e decidido Antoninho Vieira. Curto seria, porém, o seu reinado, por causa do seu temerário projeto de transferir-se, com seus homens, para Timbòzinho, ao lado de Santo António, a uns 15 quilômetros, se tanto, da estação de Pôço Preto, do ramal de S. Francisco. Ao partir, e com a "virgem", não o acompanhariam nem mil fanáticos, e disso se aproveitariam os demais para dar o seu lugar a Adeodato Joaquim Ramos, analfabeto, baixo, espadaúdo, e de quem nada mais se sabia senão que tinha nascido em Curitiba, filho do lavrador Manoel Telêmaco Ramos.

e, como o "Alemãozinho", havia sido levado para o meio deles como prisioneiro, para afinal vir a ser, dentro de meses, o maior de todos êles, o chefe corajoso e hábil sem o qual não resistiriam por muito tempo a todas as forças, tão poderosas, que contra êles se estavam concentrando no Contestado. . .

Mal informado ainda, no começo, dos movimentos e dos efetivos da Expedição Setembrino, pretendeu lançar-se imediatamente à ofensiva, num ataque de grande envergadura contra Lajes, Curitiba e Campos Novos, numa audaciosa manobra destinada a colocar as três cidades serranas dentro dos limites da Monarquia Sul-Brasileira idealizada pelo fazendeiro Rocha, para dar-lhe assim novo impulso, mas desse propósito não tardou a recuar, ao tomar conhecimento da realidade que o cercava, e então decidiu defender-se, e precisamente no melhor lugar que para isso ali existia ao seu alcance, e que era um pequeno vale na confluência dos rios Santa Maria e Xaxinal, ambos afluentes do Caçador, e protegido de todos os lados por densas florestas e acidentes geográficos de difícil transposição, sobretudo depois das chuvas que tinham caído. Êsse, o de Santa Maria, ficou sendo, portanto, o reduto principal do fanatismo, e nêle em poucas semanas centenas de casebres de madeira e ranchos de palha se ergueram, no mais irregular dos alinhamentos, a recordarem Canudos nos dias trágicos de António Conselheiro — e com êles, em tamanho muito maior, o galpão para os doentes e os feridos e a Igreja, em cujos toscos altares, de madeira mal lavrada, duas imagens sobressaíam, trazidas dos outros acampamentos: a de S. Sebastião e a de Nossa Senhora do Pilar. Dian-

te da Igreja era o "Quadro Santo", semelhante ao de Caragoatá ou Caçador, um grande campo com uma cruz em cada canto, e no qual, de manhã e de tarde, **êles** se reuniam para a revista geral e para as rezas, cada categoria deles separadamente: as **mulheres**, as crianças, os homens que não brigavam, o exercito comum, os Pares de França, a **cavalaria**, o piquete **chucro**. . . E por certo que daria pena vê-los no estado em que já se encontravam, sem recursos para vestir-se e comer melhor, os homens com as suas camisas rasgadas manchadas de sangue **sêco**, as mulheres cobrindo o corpo com descoloridos pedaços de chita, na sua **maioria descalças**. . . O tifo os perseguia. Forçados a economizar carne de vaca, e não podendo reabastecer-se de farinha, açúcar e café, caçavam porcos do mato, e plantavam milho onde quer que o milho desse, e faziam "farinha de coqueiro" com o talo das palmeiras para substituir a de mandioca, e ainda se valiam dos pinhões e de todas as frutas silvestres para matar a fome. A cabeça raspada servia para acentuar ainda mais a aparência de criminosos natos que muitos deles tinham. **E**, contudo, nessa promiscuidade não dispensavam o casamento, que era realizado por um juiz de paz, indo os noivos beijar as quatro cruzeiras do "Quadro Santo" e rezar na Igreja depois da cerimônia civil, e essa exigência para que entre **êles** os homens e as mulheres pudessem viver em comum ainda haveria de prevalecer até, pelo menos, as **suas** lutas se tornarem mais duras, já no período de Adeodato, quando da sua presença foi certa vez mandado embora, a ponta-pés, um jagunço foragido das hostes de Bonifácio Papudo, só porque se fazia

acompanhar de duas **mulheres**. . . Para cuidar de seus feridos não dispunham senão de água **fenicada**, e **quanto** mais se viam isolados do resto do mundo, com a "satânica **República**" a perseguí-los, mais se apegavam a Deus e aos santos, misturando seus sentimentos **religiosos** com as credices e as superstições mais exóticas, umas para "fechar o corpo" às balas inimigas, outras para afugentar doenças e mau **olhado**. . . Ajudante de ordens do comandante Adeodato e um dos capitães das suas legiões brigadoras, o algo letrado Jerônimo Pereira era quem melhor os supria de rezas para **êsse** fim, e que **êles**, com **vários** patuás ao pescoço e com a "medida de "São" José Maria" (ou seja a fita branca) atada ao **chapéu**), rezavam com extraordinário fervor. Uma delas era a "oração contra o ar" ("ar **vivo**, ar morto, ar do dia, ar da noite, ar do sol, ar da **lua**. . . saia o ar do meu corpo pra **fora**. . . São Marcos que abraque o ar do meu **corpo**. . ."), própria, sobretudo, para a hora dos combates, e outra, não **menos curiosa**, a **dedicada** ao Anjo Custódio, que os levava a ficar de braços, como muçulmanos, era contraditórias invocações à Santíssima Trindade, aos doze apóstolos e ao **sol**. . .

Tendo começado a organizar suas tropas em agosto, só em outubro o General Setembrino de Carvalho se viu em condições de passar ao ataque, tantas foram as dificuldades por **êle** encontradas para reunir os oficiais, os soldados e os equipamentos postos à sua disposição — e isso apesar **dos** esforços que o Marechal Hermes da Fonseca, primeiro como ministro da Guerra e depois como presidente da República, vinha fazendo há vários anos para tornar mais eficiente o Exército. Dividiu o

comandante-chefe em quatro zonas o campo de operações, cada uma delas entregue a um coronel, à frente de uma coluna. A Norte foi confiada ao Coronel Manoel Onofre Muniz Ribeiro; a Leste ao Coronel Júlio César; a Oeste ao Coronel Eduardo Sócrates, e a Sul ao Coronel Estilac Leal.

A primeira delas ficou aquartelada em Canoinhas, com o objetivo de extinguir os redutos mais próximos de Porto União e que ameaçavam o ramal S. Francisco da estrada de ferro entre a serra e o mar. Eram, entre outros menores, o de Salseiro, o de Barra Verde e o de Piedade, nos quais atuavam Bonifácio Papudo, Juca Tavares e Aleixo Gonçalves, apoiados por fazendeiros como Miguel Pereira e ajudados por brigadores já famosos como Carneirinho, Alemãozinho, Salvador Vieira e Inácio Vieira, contra os quais o Coronel Onofre lançou uma coluna móvel que, numa manobra feliz, facilmente os desalojou do Salseiro, a menos de 20 quilômetros de Canoinhas, ainda em outubro, sem poder, no entanto, consolidar e ampliar a seguir sua conquista. E por um motivo muito simples: porque voltava a repetir-se ali o mesmo fenômeno já tantas vezes verificado em outras expedições, nessas lutas de tropas regulares contra guerrilheiros, os jagunços eram expulsos de uma posição determinada, mas não destroçados, permanecendo desse jeito nas proximidades, ou seja no matagal que era deles, a hostilizarem os seus vencedores da véspera... E no caso dessa coluna móvel dava-se ainda coisa pior, pois, isolando-a no Salseiro, iriam eles fazer sortidas, sobretudo à noite, contra a própria base de operações da Coluna Norte de onde ela havia partido dias

antes, ou seja Canoinhas, precisamente — razão pela qual o Coronel Onofre determinou o seu regresso ao acampamento geral, mandando que um oficial de espírito muito combativo, seu velho amigo o coestadano do Ceará, se encarregasse de liquidar ou afastar para bem longe esses insistentes visitantes noturnos, que se concentravam no reduto de Piedade e eram mandados por Bonifácio Papudo e por Aleixo Gonçalves. Chamava-se o valente capitão Tertuliano Potiguara e servia na Polícia Militar do Rio de Janeiro, comissão a que renunciara para pedir fosse engajado nas tropas do Contestado, como voluntário, movido pelo seu desejo de mostrar à jagunçada o que era um oficial do Exército disposto à luta mesmo nesse terreno ingrato para os "pés redondos"...

Na operação, levada a efeito de surpresa, tomaram parte duas companhias de infantaria, duas seções de metralhadoras, um pelotão de engenharia, 16 soldados de cavalaria e alguns vaqueanos, divididos em dois grupos, para um ataque simultâneo em duas direções contra Piedade e Lagoa, um dirigido pelo próprio Potiguara e outro pelo Capitão Jeremias Fróis. Até aí uma das principais causas dos sucessos dos fanáticos, nas suas lutas contra os legalistas, tinha sido o prévio conhecimento, por aqueles, dos movimentos empreendidos por estes. Donos do matagal, brigavam quase sempre de tocaia, com a pontaria já feita uma hora antes de o inimigo vindo da cidade despontar na curva próxima... Mas dessa vez privou-os o Capitão Potiguara dessa vantagem, atacando-os no momento em que se preparavam para o almoço, com queijos e outras comidas recebidas de seus amigos de Canoinhas, e forçando-os

a um corpo-a-corpo decidido, a favor do governo, por uma carga de baioneta **fulminante**, animada pelo comandante de espada em punho diante dos seus soldados a dar-lhes um admirável exemplo de heroísmo, e pelos toques estridentes dos **corneteiros**. . .

Livrava-se assim Canoinhas das impertinentes sortidas de Bonifácio Papudo, **êste** logo abandonaria o fanatismo, e a Coluna Norte, com o moral de novo **levantado**, iria por fim dar bom cumprimento ao resto da missão que lhe reservara o General **Setembrino** de Carvalho.

As outras três — a Leste, a Oeste e a Sul — também já estavam, todas elas, a essa altura, tomando contato com os redutos que deveriam **destruir**.

A Coluna Leste, do Coronel Júlio César, contava com o 10.º R.I. e atuava como um prolongamento da Coluna Norte, no flanco esquerdo desta e apoiada também no ramal de S. Francisco, entre as estações de Canoinhas e Rio Negro, mas os **objetivos** das duas eram praticamente os mesmos: as concentrações, distantes às vezes umas das outras, de Bonifácio Papudo, **Juca** Tavares e Aleixo e seus satélites, entre os quais despontavam mais dois, perigosos e poderosos, Marcelo e **Josefino**. Seus primeiros movimentos alcançaram pleno êxito, **pois** ao estender suas linhas até Papanduva cortou as comunicações entre **Juca** Tavares, que operava nas cabeceiras do **Itajaí do Norte**, e Aleixo, instalado em Colônia Vieira, num vale por onde descia o rio Canoinhas, e levou com isso mais de **3.000** fanáticos, na sua maioria mulheres, crianças e velhos, a se entregarem, inclusive, mais tarde, a quase totalidade dos do reduto **de**

**Juca**, a quem o Major Taurino de Rezende, antes de atacá-los dirigiu uma carta, **exortando-o** a depor as armas — exortação que só levaria em conta (foi a sua resposta) se o governo federal forçasse o Paraná a desistir de sua pretensão sobre as terras de Santa Catarina. Mas a sua resistência não chegaria sequer a tomar forma, porque seu principal chefe brigador, Pedro Nepomuceno, por **êle** rebaixado na véspera, o trairia, facilitando a entrada do grosso da **Coluna** no seu acampamento, de onde mal teria tempo de fugir, com a mulher e os filhos, para ir terminar seus dias como rábula em Araranguá, no sul do **Estado**. . . Simultaneamente Papudo deixava-se prender pelo Coronel Onofre, e isso queria dizer que entre os aliados de **Adeodato** não existia mais quem quisesse dar caráter político ao fanatismo, em proveito próprio ou para **colocá-lo** a serviço de um dos dois Estados vizinhos e em divergência por causa de seus limites. Essas divergências **êles** mesmos, aliás, as tinham deixado para mais tarde, para que fossem resolvidas pelo Governo Wenceslau Braz, e daí, auxiliando o Exército, soldados da Polícia Militar catarinense em território paranaense e da paranaense em território catarinense, como bons aliados contra os **fanáticos**. . .

Bem sucedida, como se vê, nessas suas operações preliminares coordenadas com as do Coronel Onofre, só faltava agora ao Coronel Júlio César aniquilar os redutos de Aleixo Gonçalves, Marcelo e Josefino para consolidar o terreno conquistado no norte de Santa Catarina e poder participar também contra as concentrações maiores, mais ao sul. Tendo partido de Colônia

Vieira, já abandonada por Aleixo, um dos seus destacamentos, comandado pelo Major Cândido Pamplona — e com êle a acompanhá-lo — ocupou a seguir o acampamento de Marcelo, que foi morto, depois de uma corajosa carga do Tenente Heitor Gonçalves, e outro, sob o comando do Major Chananeco Fontoura, fêz o mesmo com Josefino, num combate em que perdeu heroicamente a vida o Tenente Caetano Munhoz. E mais não fêz porque Aleixo, certo de que havia espiões entre os seus homens, se recolheu logo ao reduto central de Santa Maria, submetendo-se a Adeodato, que cada vez mais insensível se tornava à vida alheia, tendo chegado ao ponto de mandar matar sua mulher Maria da Conceição, por lhe ter dito o comandante da reza, Elias de Moraes, que ela o enganava, para casar-se no mesmo dia ou no seguinte com a viúva do antigo comandante-geral Chiquinho. . .

Estamos em fevereiro de 1915, segundo ano da primeira grande guerra mundial, e operando no flanco direito da Coluna Leste, a Coluna Norte convergia também no mesmo sentido, isto é, para o sul, com dois destacamentos: o do Coronel Onofre e o do Capitão Potiguara, êste levando Carneirinho, que se tinha rendido ao governo, como seu guia, e para fuzilá-lo, no entanto, logo depois, ao pressentir que o estava desviando para uma emboscada. Bem conduzidos os seus movimentos, em poucos dias abateriam, lutando, quase 200 fanáticos, e limpando dos restantes tôda uma vasta zona compreendida entre Reichardt, Pinheiros, Vila Nova de Timbó, Timbòzinho e Santo António.

O plano do general era fazer com que essas duas colunas se movessem para a região de Santa Maria, para onde já marchava a Coluna Sul, do Coronel Estilac Leal, todas as três com o seu flanco protegido pela Oeste, do Coronel Eduardo Sócrates, que para isso guarnecia a estrada de ferro entre as estações de Porto União e Rio das Antas.

Tendo restabelecido por completo a normalidade nos municípios de Lajes, Campos Novos, Curitibanos e São Joaquim, em cujos descampados o fanatismo nascera anos antes, o Coronel Estilac Leal principiou a deslocar-se, rumo do seu principal objetivo, ainda em janeiro, quando um destacamento de sua coluna ocupou facilmente os redutos menores de Trombudo, Perdizinhas e Perdizes, em torno, os três, do já extinto de Caragoatá, criando com isso condições para que em Tapera se realizasse a concentração de todas as suas tropas, para o assalto contra Santa Maria, a cinco quilómetros de distância, no dia 8 de fevereiro. Dêle se encarregaram três destacamentos: o do coronel, o do Major Nestor Seze-fredo dos Passos e do Major Ciríaco, num tríplice movimento conyergente, bem sucedido até certo ponto, mas depois dificultado pelos brigadores sertanejos graças ao seu modo característico de enfrentar seus inimigos, isto é, alvejando-os do alto das árvores ou de outros esconderijos, em meio de uma gritaria infernal: "Peludos! Pés redondos! Viva São José Maria! Viva a Monarquia!"... E assim foi, sob o fogo das Winchesters e dos pica-paus de tão matreiros atiradores, que êles conseguiram chegar à tarde, e quase sempre colados ao chão, à garganta por onde teriam que descer até à Verdun chucra de



Adeodato, e com 38 mortos para enterrar, entre estes o Capitão Francisco Baima e o Tenente Orestes Castro, e feridos às dezenas para curar — motivo de sobra, como se vê, para que retornassem à Tapera, e completassem a operação mais tarde, melhor preparados. . . E melhor preparados com bastante artilharia e, mais ainda, com uma arma nova, a aviação, que pela primeira vez se empregaria em combate, ali, em terras sul-americanas. Quando da expedição Carlos de Mesquita, um ano antes, o aviador civil paulista Cícero Marques já se havia oferecido a êsse veterano de Canudos para ajudá-lo como observador e atirador de bombas também, mas não acharam prudente, no Exército, que êle participasse da luta. Agora seriam dois, o Capitão Ricardo Kirk, um dos pioneiros da aviação militar brasileira, e o italiano Darioli, para os quais se improvisara um campo em Perdizes. O italiano logo voltaria de sua primeira missão sobre Santa Maria, aterrissando minutos após ter levantado vôo, por ser inadequado o terreno, no seu entender, para operações aéreas. Kirk, não, e por isso não tardaria a cair, e para morrer, bem longe do seu objetivo, perto do rio Jangada, na estrada de Palmas. . .

O Capitão Kirk morreu no dia 1.º de março, e no dia 2 o Coronel Estilac Leal começou a bombardear o grande reduto com obuzes e artilharia de montanha, preparando o caminho para a infantaria. Do alto, onde estavam os artilheiros, via-se, porém, que os tiros se perdiam, longe do alvo, não intimidando sequer as mulheres dos fanáticos, que lá estavam, em baixo, de mãos nos quadris, como curiosas espectadoras do tonitroante e inútil esforço bélico. . . Trazido para o lugar dos canhões,

por juntas de bois, um pesado obuz, êste, sim, deu resultado, indo a primeira de suas granadas dissolver tragicamente, numa poça de sangue, uma procissão que no momento cruzava o "Quadro Santo" para voltar à igreja. . . E então, mal refeitos do seu espanto, centenas deles, desembainhando os seus facões e remuniciando as suas cartucheiras, saíram como loucos a cumprir a ordem logo dada aos berros por Adeodato, para que a "peça maldita" fosse caçada de qualquer maneira. . .

O segundo assalto a Santa Maria foi assim suspenso antes que o sol se escondesse, porque, protegidos pelas sombras da noite, não lhes seria difícil rodear e degolar os artilheiros e os infantes contra os quais vinham de longe blasfemando. . .

E desse vaivém, hoje bombardeando Santa Maria, amanhã recuando para Tapera, talvez não saísse a Coluna tão cedo se um pouco mais ao norte um fato imprevisto não acontecesse, numa surpreendente repetição, pelo Capitão Potiguara, e agora em maior escala, de um daqueles seus "rushs" anteriores pelas selvas dos arredores de Canoinhas, e por causa do qual iria êle representar no drama do Contestado um papel decisivo, logicamente reservado pelo comando supremo não a êle, simples capitão, mas a outros oficiais de patente mais alta, à frente de forças mais numerosas. . .

\* \* \*

O General Setembrino de Carvalho dirigia as operações do seu Q.G. em Curitiba, mas no dia 5 de março, já informado da resistência oposta por Adeodato ao Co-

ronel Estíflac, viajou de trem para Porto União, a fim de conferenciar com os quatro comandantes de colunas mais perto do campo da luta. E depois de ouvi-los ordenou que os contingentes dos Coronéis Onofre e Júlio César fizessem maior pressão pelo norte sobre Santa Maria, ficando o Coronel Sócrates com a incumbência de impedir que os fanáticos fugissem pelo leste, rumo dos campos de Palmas.

A execução do novo plano de combate teve início no fim de março, quando o Capitão Potiguara foi autorizado pelo Coronel Onofre a organizar um destacamento, com elementos de sua livre escolha, para investir para o sul ousadamente, através da mata virgem, e destruir os redutos restantes encontrados no seu caminho, e com os quais ainda contava Santa Maria para reabastecer-se de homens e mantimentos.

Acompanhado de 100 praças e 2 oficiais do 56.º de caçadores, 100 praças e 2 oficiais do 43.º de caçadores, uma companhia do 12.º e outra do 16.º, uma seção de metralhadoras, meio pelotão do 2.º esquadrão de trem e 110 vaqueanos dirigidos por Leocádio Pacheco, Pedro Ruivo e outros, e mais os serviços médicos do Capitão Castagnino (ao todo 574 homens), partiu êle de Reichardt no dia 28 ao amanhecer para Grober, que atingiu às 5 da tarde depois de uma difícil travessia do rio Barra Mansa e de um ligeiro encontro com pequenos grupos de fanáticos na serra do Elias. No dia seguinte, 29, deteve-se às 4 horas diante do rio Tamanduá quase a transbordar, e enquanto a maioria dos seus soldados cuidava de improvisar uma balsa, com a qual se pudesse cruzá-lo, êle mesmo, à frente de outros, saiu para

um reconhecimento na direção de Vaca Branca, com o propósito de tomar contato com os piquetes da Coluna Leste, que por perto deveriam estar, pois na reunião do general com os comandos, em Porto União, tinha ficado resolvido que as forças lançadas em operações como essa, por demais arriscadas, tivessem sempre a quem recorrer nos instantes de maior perigo. Mas os persistentes toques dos seus corneteiros ficaram sem resposta, e isso queria dizer que o seu destacamento já não estava com nenhuma proteção nos seus flancos, no pior de sua marcha pelas selvas, daí em diante. . .

Transpondo o Tamanduá no dia 30, o Capitão galgou a serra do Timbó Grande no dia 31, e logo entre 8 e 9 horas da manhã sua vanguarda foi atacada por mais de 400 fanáticos, contra os quais reagiu de modo impetuoso, pondo-os em fuga sem perder senão dois vaqueanos. Os atacantes, pelo contrário, deixaram 40 dos seus caídos pelo chão, e como eram muitos foram reorganizar-se para lá do rio Timbó, em cuja margem direita o destacamento fêz alto às 12 horas para almoçar, e melhor preparar-se para o combate seguinte.

— Comandante, não atravesse agora o Timbó — pediram-lhe os vaqueanos - - porque o rio está muito cheio e do outro lado não há caminho que sirva para a tropa. . .

— E' o que vamos ver de perto — respondeu-lhe Potiguara — e com dois deles saiu temerariamente para um meticuloso exame do terreno, protegido à distância, tão somente, por um simulacro de marcha, com descargas de fuzil, de uns 200 de seus infantess, para distrair a atenção do inimigo.

— Bom, a passagem será feita por aqui -- decidiu horas depois, e colocando uma metralhadora em posição ideal, no lugar escolhido, mandou que a vanguarda, formada no momento pela companhia do 56.º de caçadores, reiniciasse a marcha — atitude corajosa que encheu de novos brios a tropa inteira, que no resto desse dia e no dia 31 não chegou a encontrar, como esperava, oposição muito forte para chegar na manhã seguinte, 1.º de abril, à vista do rio Caçador, onde — e sem que se soubesse — se localizava o maior e o melhor fortificado dos redutos do fanatismo depois do de Santa Maria, com nada menos de 2.000 brigadores a guarnecê-lo ainda . . .

Para o destacamento Potiguara essa era uma ingrata situação que se parecia, até certo ponto, com a de Garibaldi em Santo Antônio, na guerra desigual e dura dos "colorados" uruguaios contra os seus compatriotas "blancos" apoiados pelo tirano **Rosas**, decidida com a derrota deste em Monte Caseros em 1851 graças à participação do Brasil. Comandante da pequenina e atrevida esquadra de Montevidéu, o famoso voluntário internacional da liberdade encontrava-se em fevereiro de 1846 na cidade fluvial de Salto, que era um posto avançado anti-rosista na fronteira de Entre-Rios, e dela saiu campo afora, na direção do Rio Grande do Sul, para proteger um general amigo que voltara à luta depois de ter sido forçado a refugiar-se em terras brasileiras, quando no arroio Santo Antônio deu de frente com forças do Coronel **Servando** Gomez quatro vezes mais poderosas, compostas de cavalaria e infantaria . . . **Ele**, coitado, só dispunha de 186 fuzileiros de sua Legião Italiana e mais 100 ginetes nativos, que logo fugiram. Se

recuasse, morreria com os seus legionários. Tinha, pois, que aceitar o combate, mesmo porque assim também o exigia a sua honra de guerreiro, que **êle** muito prezava... E num segundo, valendo-se de uns restos de parede de um velho engenho a dois passos de distância, tomou posição para resistir e **contra-atacar**, colocando seus **atiradores** em posição e serenamente esperando que os imponentes e numerosos **rosistas** chegassem a trinta metros **dêle** para só então alvejá-los com a primeira descarga, tão certa, tão oportuna, que lhe permitiu sair da inferioridade em que se achava inicialmente e regressar a Salto com a Legião quase intacta e coberta de glórias.

Era o caso de Potiguara, sozinho também diante desse bando **imenso**, na selva que nenhuma proteção lhe podia oferecer, se tentasse uma retirada — e foi, portanto, com incrível audácia, sem um minuto sequer de vacilação, que **êle** os **atacou**, indo enxotá-los de seus **esconderijos**, atrás de grossos pés de imbuia, a ponta de baioneta, para obrigá-los a cruzarem o rio e a se entrincheirarem, mais numerosos ainda, na outra metade do acampamento, do outro lado.

A vitória, ainda pela metade, abriu claros sensíveis nas suas fileiras, e para completá-la planejou um novo movimento ofensivo, no qual a infantaria haveria de ser apoiada de maneira fora do comum pelas metralhadoras, e para colocá-las no lugar ideal, de onde pudesse obter o efeito desejado com os seus tiros, saiu **êle** de rastos pelo chão perigosamente, **ajudado** apenas por um sargento.

O pior da tarefa tocou à companhia do **16.º**, que fazia a **vanguarda**, lançada ao ataque no instante em que de uma outra direção irrompia o fogo das metralhadoras, atingindo em cheio os brigadores de "São" José Maria e confundindo-os, mas nem por isso intimidando-os, pois só à tarde se retiraram, deixando 109 mortos e muitos feridos nos seus abrigos e no seu improvisado casario, logo reduzido a fumegantes escombros pelo destacamento vitorioso. Mas **êste** estava condenado ainda a perder nesse mesmo dia, antes de o sol esconder-se no pinheiral imenso, alguns de seus mais bravos **combatentes**, como os Tenentes João da Silva Oliveira e António Bastos Pais Leme e o Sargento Ramiro Tavares, o primeiro ferido de morte numa emboscada no reduto "Maria Rosa", dois ou três quilómetros além do rio Caçador e os dois últimos, com vários soldados e vaqueanos, num entrevero selvagem no desfiladeiro "**Doze Pares de França**".

Contudo, vencer duas ou três vezes por dia não bastava para assegurar-lhes o pleno domínio do **terreno**, nessa marcha sanguinolenta através do desconhecido, mesmo porque, deixado para trás um reduto, outro logo surgia à **frente**, para exigir deles que também o **destruissem** sob pena de não serem **êles** mesmos destruídos, perdidos que já tinham sido, efetivamente, todos os **seus** contatos com o grosso das forças que, na concepção do comando geral, os ajudariam nas suas mais trágicas vicissitudes. E para essa necessidade tão imperiosa de **vitórias**, assim tão difíceis e tão repetidas, mais lhes valiam **agora**, sem dúvida, seu próprio **destemor**, seu heroísmo que já se confundia com a **selvageria** do que

as armas de fogo que manejavam, por isso mesmo já tantas vezes postas por **êles** de lado, **nos** furiosos **corpo-a-corpo** em que culminavam, quase sempre, os seus encontros com os **fanáticos** . . .

Assim foi, realmente, na conquista do reduto de **Aleixo** Gonçalves, já quase à vista de Santa Maria, depois de uma carga empolgante ladeira abaixo, animada pelos toques excitantes de seis corneteiros, e na da Cova da Morte, derradeiro obstáculo a transpor para a sensacional e surpreendente ocupação na tarde de 3 de abril, sábado de aleluia, do próprio acampamento central de Adeodato, diante do qual há um mês martelava a Coluna Sul, **esta**, sim, destacada pelo Q.G. de Curitiba para a realização da façanha no momento em que **êles** — os do destacamento Potiguara organizado para operações auxiliares — se aproximassem pelo norte, para dar aos fanáticos a impressão de que o cerco se apertava em torno, forçando-os a um recuo.

Mas, apesar da magnitude do triunfo alcançado, não lhes seria dado ainda descansar nem nesse dia de **glórias**, com o seu capitão saudado como general pelos soldados, nem no seguinte, porque ao entardecer, ao enterrarem os seus mortos, o inimigo se juntou de novo nos arredores com o objetivo de fustigar a praça forte perdida para proteger assim, com a ousada manobra, a retirada dos seus **não-combatentes** para outros refúgios — e então mais um combate começou para **êles**, o último, é verdade, mas o mais duro e longo de **todos**, a desenrolar-se às escuras pela noite a dentro, **êles** dentro do reduto, na mais difícil e trágica das defensivas, e os outros **alvejando-os** de fora, como se fossem **fan-**

tasmas **armados**, e assim ficaram, entre a vida e a morte, sem que pudessem descer de Tapera a tempo ainda de ajudá-los as vanguardas do Coronel Estilac convocadas pelos angustiosos toques do cabo **Marcelino**, morto na luta com o clarim em riste, e por **patrulhas-suicidas**, a restejarem pelos desfiladeiros vizinhos. . .

Tendo partido de Reichardt a 28 de março, com 574 homens, o Capitão Tertuliano Potiguara dava por terminada a sua missão de guerra oito dias depois, com apenas 425, ainda em condições de empunhar mais uma vez o fuzil. Os demais correram ou foram feridos **gravemente** nas suas cargas de baioneta ou nos seus tiros e **entreveros** a facção com os fanáticos. Mas infelizmente a História não guardou os nomes de todos **êles**, citados que foram de modo incompleto nos documentos oficiais da época. Estes, que aqui estão, **devemo-los** ao General Alfredo Nogueira Júnior, que como simples **3.º** sargento os acompanhou em todos esses seus heróicos combates: foram os Tenentes Otaviano Cavalcanti, Antônio de França Gomes, Antônio Bastos Pais Leme, João da Silva Oliveira, Pedro da Silva Marques, Pedro José de Carvalho, Pedro José Gomes, Euclides Pereira **Bueno**, Laureano Constâncio Pereira e Telêmaco Paula Rodrigues, o aspirante Olímpio Falconieri (depois um dos animadores do "tenentismo") e, entre tantos outros, sargentos e soldados que ficaram para sempre esquecidos, os Sargentos José Bonifácio Prata e **Ramiro** Tavares, o corneteiro Marcelino, o vaqueano Homero dos Santos, e o Tenente-Médico Souto Castagnine, enterado em Santa Maria, ao lado do chefe vaqueano Leocádio Pacheco.

Não importava que o inimigo por **êles** vencido fosse de sangue brasileiro, uma pobre gente levada ao **fanatismo** -- para repetirmos aqui as palavras do Capitão Matos Costa — pela ignorância e pelo abandono a que a relegara o próprio **Estado**. O importante, no caso deles é que lhes havia sido confiada uma perigosa missão, que souberam cumprir, e com a mesma obstinação e a mesma bravura dos mais capazes e dos mais valentes de todos os tempos, do Exército a que **serviam**. . .

E **perguntar-se-á** agora, e com razão:

— Ocupado e arrasado assim o **reduto-chave** de Adeodato, que restava do movimento de que **êle** era, de há muito, o ditador?

Alguma coisa restava ainda, mas não de molde a justificar, no entender do General Setembrino de Carvalho, a permanência por mais tempo de **tôda** a sua "Grande Expedição" no Contestado. As tropas começaram, por isso, a retornar aos seus **quartéis**, ficando na zona de operações apenas **alguns pequenos contingentes**, comandados pelo Major **Célio** Fernandes, o Capitão Vieira da Rosa e o Tenente José Pereira Rosa, do Exército, e o Capitão Euclides de Castro e o Tenente José Joaquim dos **Santos**, da polícia catarinense, para impedir novas concentrações de fanáticos e sitiar os restantes, foragidos nas serras, para que não pudessem receber alimentação de fora e logo abandonassem seus **chefes**. E tinha razão em raciocinar assim o **comandante-chefe**, pois a fome havia representado um papel por demais importante nas recentes vitórias decisivas do governo sobre o fanatismo, e bastaria, portanto, que ela **conti-**

nuasse a perseguir os seus remanescentes, já mal armados, para levá-los depressa à capitulação. Com efeito, ao organizar suas forças **dividindo-as** em quatro colunas, a convergirem de longe sobre o coração da zona convulsionada, o general não pensava derrotar o inimigo mediante ações militares, tão somente, e sim também isolando-o, para que se fosse rendendo à mímica de munições e alimentos, sobretudo de alimentos para os seus milhares de **não-combatentes**. Graças a **êsse** seu modo de agir milhares de famílias já se haviam submetido antes da ocupação de Santa Maria, ao sul e ao norte do grande reduto, e para a ocupação deste pelo **destacamento** Potiguara, em poucas horas de luta — de lute violentíssima, embora — por certo que havia concorrido sensivelmente o estado de penúria em que já se encontravam a sua população e os seus próprios defensores. A posição — eis a conclusão a que devia ter chegado Adeodato — estava em condições de resistir a repetidos ataques do sul, desde que, porém, mantivesse um caminho livre para o norte, através do qual recebesse **reforços**. E surpreendido por Potiguara, exatamente ao norte, outro recurso não lhe restaria, sem dúvida, senão o de uma heróica resistência que lhe permitisse evacuar para a mata virgem primeiro os velhos, as mulheres e as crianças às suas ordens e depois os seus combatentes, bons para **as** guerrilhas típicas, mas não para suportar, paradas, um longo sítio — que para os guerrilheiros o segredo da vitória sempre esteve e há de estar na mobilidade e na realização dos **encontros** nos terrenos por **êles** mesmos escolhidos, vantagem essa de que ali o fanatismo catariense já não podia **mais** desfrutar por efeito desse seu

vício de **origem**, de fixar-se por demais nos redutos, quando o lógico seria (e só agora **êle** o compreendia) que se movesse mais, sem levar às costas fardos tão **pesados**...

A reunião dos retirantes de Santa Maria verificou-se no Cerrinho, ou Rincão do Boi Preto, ao sul de Tamanduá, na região recentemente reconquistada sem maiores esforços pela Coluna Leste, do Coronel Júlio César. Eram ainda alguns milhares, e com Adeodato lá se viam o velho Elias de Moraes, que ficara sendo seu conselheiro, e brigadores como João Vieira, Chico Ventura e o negro Olegário. Do "imperador do sertão" Dom Alves Rocha, e da "virgem" Maria Rosa não se sabia mais nada. Aleixo tinha sido fuzilado, "por dar azar", a conselho de "**Frei**" Manoel, um caboclo velho que vestia uma desbotada casaca, nos últimos meses convertido numa espécie de pastor e oráculo dos fanáticos. E depois de Aleixo, e pelo próprio Adeodato, o velho Euzébio, que **fôra** o reorganizador do movimento em Taquarussu, após a morte de "São" José Maria, e mais os dois irmãos Crespo, um dos irmãos Alonso e o negro Germano. Usava o ditador chucro um quépi de oficial do Exército, e para que a sua autoridade não periclitasse fazia-se respeitar como um rei, exigindo da tropa e do povo que lhe prestassem vistosas homenagens a cada passo, e mais ainda ao voltar de suas viagens de inspeção pelos arredores, com os "Doze Pares de França" a **escoltá-lo**... Empolgando-se desse jeito outra vez, era natural que tentasse ampliar seus **domínios** com a reorganização de alguns de seus antigos redutos. Sob o comando de João Vieira chegou a res-

surgir o de Pedras **Branças**, de onde saiu um bando para atacar temerariamente Canoinhas. Chegaria, no entanto, um piquete do Tenente **José** Joaquim para ocupá-lo facilmente, mesmo porque João Vieira e ainda outros de seus "generais", como Sebastião **Campos**, já se mostravam dispostos a depor as armas, "pois se o governo não os prendesse, Adeodato os **mataria**". . .

O ataque final contra o seu último reduto aconteceu em **dezembro**, ainda em **1915**. Era para ser levado a efeito por tropas do Exército, comandadas pelo Capitão Vieira da Rosa, e da polícia catarinense, às ordens do Capitão Euclides de Castro, **êste** auxiliado por 168 sertanejos recrutados pelo vaqueano Ladislau Fernandes. Desencontraram-se, **entretanto**, os dois, e eis porque Euclides bateu sozinho às portas de Boi Preto, para conquistá-lo, depois de uma resistência de pouca duração. Mas Adeodato, apesar de traído, conseguiu fugir, e durante oito meses vagou pelo Contestado sem que o descobrissem os do governo, mesmo porque fotografia **dêle** não havia — para afinal ser preso em agosto nos campos de Lajes de um modo verdadeiramente impróprio para quem, como **êle**, tantas batalhas comandara e tão vastas massas dominara — isto é: por um caboclo de nome Valdevino, seu conhecido, que o viu a beber num riacho e de revólver em punho o intimou a acompanhá-lo até a polícia, na cidade, e foi por **êle** obedecido sem um resmungo, **sequer**. . .

Condenado a uma prisão que seria praticamente perpétua, recolheram-no à cadeia pública de Florianópolis, onde tentou matar seu companheiro de cela e passou a viver como se fosse um animal acuado, tão hostil

à curiosidade dos visitantes, que certa vez disse para o escritor regionalista Tito de **Carvalho**, um dos poucos cuja presença suportava:

— Que é que quer comigo toda essa gente, "seu" Tito? Olhem que fiquei com a bunda fria de sentar em cima de **defunto**. . .

Depois, começou a perder o juízo, e quando tentou fugir no dia 3 de janeiro de 1923, tendo já nas mãos um fuzil tomado de um soldado, o Capitão Trujilo de Melo o abateu com um tiro na **testa**. . .

Mas se soubesse ler e possuísse mais luzes, como Antônio Conselheiro, é claro que outro, muito diferente, teria sido o seu fim, porque então o fanatismo sob o seu comando se ampliaria, à maneira de uma vasta repetição da "**cabanada**" paraense da época da Regência, ou da "**balaiada**", empolgando os campos e as serras do sul do Brasil então bem preparadas para alimentá-lo, por que nascera para comandar homens, sobretudo como guerreiro, sem ser, além do mais, como o de **Canudos**, um místico; um "anacoreta sombrio" por **excelência**. . .

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL  
/ 110 DE FRONTERAS - BILBAO - 1955